

VIANNA MOOG, intérprete do Brasil

MOACYR SCLIAIR *

A pergunta apareceu no site Yahoo Respostas: “Alguém conhece um livro chamado *Bandeirantes e Pioneiros*, de Vianna Moog?”. A indagação, por todos os motivos meritória – afinal, o melhor jeito de descobrir as coisas é perguntar – faz pensar sobre a memória cultural do Brasil. A obra de Vianna Moog marcou época; foi um dos textos mais discutidos em nosso país. Mas, ao que tudo indica, pode ter caído no esquecimento. Por isso, é tão oportuno o centenário de nascimento de Clodomir Vianna Moog, no dia 28 deste mês: é uma oportunidade para evocar uma figura singular de nossa literatura, alguém que, para nosso orgulho, era gaúcho.

Nascido em São Leopoldo, Vianna Moog, filho de funcionário público e de professora, estudou em boas escolas, formou-se em Direito, foi funcionário público. Uma trajetória típica de jovens brasileiros do começo do século passado. Mudou subitamente quando ele começou a militar na política, nos conturbados anos 30. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, que se opunha ao governo de Getúlio Vargas. Foi preso e transferido para Manaus (AM) e depois Teresina (PI). Esse exílio representou para o jovem gaúcho uma oportunidade para conhecer o Brasil do Norte e do Nordeste. Nesse período, começou a escrever.

Sua primeira obra foi *Heróis da Decadência*, um ensaio que surpreendeu a intelectualidade do país, sobretudo pela originalidade da tese ali defendida. Segundo Vianna Moog, em épocas de decadência surgem pessoas notáveis que se destacam não pelos feitos guerreiros, como os heróis habituais, mas que têm a coragem (e a inteligência, e a sensibilidade) de analisar, inclusive com humor, essa decadência. São três esses heróis: Petronio, que viu a derrocada do império romano; Cervantes, que testemunhou o fim da Idade Média e do feudalismo; e Machado de Assis, o grande cronista dos últimos anos do Império no Brasil. Resenhando a obra, Augusto Frederico Schmidt confessa que nunca ouvira falar do tal Vianna Moog e acrescenta: “O que importa é que seu livro vem revelar a existência inesperada de um escritor sóbrio e seguro.” A obra seguinte, *O Ciclo do Ouro Negro*, retrata a Amazônia, “um mundo à parte”, com a profundidade de um Euclides da Cunha. Como Euclides, Vianna Moog faz justiça ao caboclo que enfrenta, com resignação, as adversas condições da selva: “Outros fogem. Só o caboclo fica.”

Voltou para Porto Alegre, dirigiu o jornal *Folha da Tarde*, mas continuou escrevendo: é dessa época *Novas Cartas Persas*, satírico texto que, tomando como modelo a obra de título similar escrita por Montesquieu, faz considera-



ALBERICO LUCCHINI. BANCO DE DADOS - 7/2/1998

*Ensaísta, romancista e jornalista, o gaúcho Vianna Moog (1906 – 1988) foi reconhecido em seu tempo como um dos mais refinados e mais ambiciosos analistas da realidade nacional. Membro da Academia Brasileira de Letras, autor de referência no exame da colonização no Brasil e nos Estados Unidos, ele chega ao centenário de seu nascimento como um escritor pouquíssimo lido, praticamente desconhecido pelas novas gerações. A efeméride, porém, pode servir de pretexto para uma releitura de sua obra, que teria mantido vivo o caráter desafiador de suas idéias. O Instituto Estadual do Livro promove uma mesa-redonda em torno desse legado e relança dois livros de Moog. A editora Graphia traz de volta aquela que é tida como a obra-prima do leopoldense: *Bandeirantes e Pioneiros**

ções sobre o Brasil e a cultura brasileira, rotulando o Rio de “cidade afrodisíaca”. Em 1938 lança um ensaio literário que fez história: *Eça de Queirós e o Século XIX*, abordando as controvérsias que cercaram o grande escritor português. Seguiram-se aquelas que são provavelmente suas duas grandes obras.

Em 1938, aparece o romance *Um Rio Imita o Reno*, que tem como cenário São Leopoldo (o rio em questão é o Rio dos Sinos, que banha a cidade) e fala sobre os conflitos culturais e emocionais numa comunidade de origem alemã. O nazismo estava então em ascensão, e Vianna Moog não deixa de denunciar a intolerância que, também aqui no Brasil, se fazia presente, particularmente numa família em que a filha está apaixonada por um engenheiro amazonense, ali chegado para supervisionar a construção de uma represa. O conflito é inevitável, mas o irônico final (a família descobre que tem ascendência judaica) representa uma tomada de consciência. Anos depois, num discurso perante a Academia Brasileira de Letras, Vianna Moog diria que a região de colonização transformara-se numa “democracia social”. O livro recebeu o Prêmio Graça Aranha, o que representa uma eloquente coincidência: não podemos esquecer que Graça Aranha foi o autor de *Canaã*, o primeiro grande romance sobre colonização, e ao qual Moog deu continuidade, sob outro, e original, ângulo.

O notável ensaio *Bandeirantes e Pioneiros* resultou do longo período que Moog passou nos Estados Unidos, onde teve vários cargos. A pergunta básica que o autor procura responder é: por que Estados Unidos e Brasil, países onde a colonização européia começou praticamente ao mesmo tempo, evoluíram de forma tão diferente? Rejeita, de imediato, “fatores raciais”, à época ainda muito citados, para deter-se nos aspectos sociais e psicológicos. Neste sentido, *Bandeirantes e Pioneiros* foi muitas vezes, e com justiça, comparado ao *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. Moog explica as diferenças históricas entre Brasil e Estados Unidos comparando o pioneiro inglês, um puritano que vinha ao Novo Mundo se estabelecer com sua família, e o bandeirante português, que buscava escravos e minerais preciosos, um aventureiro que queria enriquecer e voltar logo para a Europa. Resultado: São Paulo, ao contrário do Nordeste da mesma época, que prosperava com o açúcar, ficou durante muito tempo uma região atrasada, até o advento do ciclo do café, para o qual a mão de obra imigrante foi fundamental.

Os títulos citados são apenas os mais conhecidos de uma vasta obra que fez história e que levou o autor à ABL, onde ocupou a cadeira que pertencera ao também gaúcho Alcides Maya. Falando de sua geração, a geração dos anos 30, Vianna Moog declarou que a mesma aguardava uma “entrevista com o futuro”. Nesta, Vianna Moog foi um grande entrevistador. Ele fez o Brasil falar. E é por isso que até hoje o lemos com prazer e emoção.

* Escritor e médico, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de, entre outros livros, *Os Vendilhões do Templo*